



# O conector *por isso* e a veiculação de sentidos de esclarecimento, exposição e exemplificação sob olhar pancrônico

## The connector *por isso* and the meanings of clarification, exposition and exemplification in a panchronic view

Mayra Laurindo RABELLO\*

Monclar Guimarães LOPES\*\*

**RESUMO:** Em trabalhos anteriores, Lopes e Rabello (2022, 2024), com base nos postulados de Sweetser (1990), distribuem os usos de [por isso]<sub>conector</sub> nos três domínios da causalidade: conteúdo, epistêmico e atos de fala. Ao primeiro, associam o valor semântico de consequência; ao segundo, o de conclusão; ao último, o de elaboração, o qual representa uma macrocategoria semântica (cf. Halliday, 2004) que compreende as relações de esclarecimento, exposição e exemplificação. Neste artigo voltamo-nos, especificamente, para a investigação e a descrição desses três últimos valores semânticos em perspectiva pancrônica, motivados, sobretudo, pelo fato de ainda haver uma certa lacuna na literatura gramatical e linguística no que tange à descrição de outras relações do domínio da causalidade para além das bem conhecidas noções de causa, conclusão e consequência. Nesse sentido, temos como objetivo descrever a trajetória de mudança dentro da macrocategoria elaboração nos usos de [por isso]<sub>conector</sub>. Para essa finalidade, analisamos 917 dados de uso, recuperados das bases *Corpus* Informatizado do Português Medieval, *Corpus* Vercial e *Corpus* NOW, por meio da análise mista e à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. Rosário, 2022) e da Pragmática (cf. Sweetser, 1990). Os resultados sugerem que a função elaboração é fruto da trajetória de mudança de [por isso]<sub>conector</sub>. Além disso, indicam que o esclarecimento é o valor mais frequente e, talvez, mais prototípico dentro dessa macrocategoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conector por isso. Polissemia. Pancronia. Construcionalização. Linguística Funcional Centrada no Uso.

**ABSTRACT:** In previous papers, Lopes and Rabello (2022, 2024), based on the postulates of Sweetser (1990), distribute the uses of [por isso]<sub>conector</sub> in the three domains of causality: content, epistemic and speech acts. To the first, they associate the semantic value of consequence; to the second, that of conclusion; to the last, that of elaboration, which represents a semantic macrocategory (cf. Halliday, 2004) that comprises the relations of clarification, exposition and exemplification. In this text we turn specifically to the investigation and description of these last three semantic values in a panchronic perspective, motivated by the

---

\* Mestranda em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. [mayra\\_laurindo@id.uff.br](mailto:mayra_laurindo@id.uff.br)

\*\* Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense. Professor adjunto da Universidade Federal Fluminense. [monclarlopes@id.uff.br](mailto:monclarlopes@id.uff.br)

fact that there is still a certain gap in the grammatical and linguistic literature regarding the description of other relations in the domain of causality beyond the well-known notions of cause, conclusion and consequence. In this sense, our aim is to describe the trajectory of change in the function of elaboration in the uses of [por isso]<sub>connector</sub>. To this end, we analyzed 917 usage data, retrieved from the Corpus Informatizado do Português Medieval, Corpus Vercial and Corpus NOW databases, through a combination of quantitative and qualitative analysis and based on the theoretical-methodological assumptions of Usage-Based Linguistics (cf. Cunha et al., 2013) and Pragmatics (cf. Sweetser, 1990). The results suggest that the elaborative function is the result of the trajectory of change of [por isso]<sub>connector</sub>. They also suggest that clarification is the prototypical and most frequent value of the macrocategory.

**KEYWORDS:** Connector *por isso*. Polysemy. Panchrony. Constructionalization. Usage-based Linguistics.

## 1 Introdução

Em trabalhos anteriores, Lopes e Rabello (2022, 2024) buscaram descrever, em perspectiva sincrônica, as relações semânticas assumidas pelo conector<sup>1</sup> [por isso] em dados de uso do português, nas variedades europeia e brasileira. Recorrendo aos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Rosário, 2022), aos postulados de Sweetser (1990) sobre os domínios da causalidade, bem como às relações lógico-semânticas de cláusulas propostas por Halliday (2004), os autores chegaram a cinco diferentes valores semânticos, distribuídos em três domínios, a saber:

- a) domínio do conteúdo: valor de consequência;
- b) domínio epistêmico: valor de conclusão;
- c) domínio dos atos de fala: valor de esclarecimento, exposição ou exemplificação.

Inicialmente, à guisa de ilustração, apresentamos duas ocorrências para exemplificar e explicar os valores de consequência e de conclusão. Em sequência, voltamo-nos especificamente para as relações de esclarecimento, exposição e

---

<sup>1</sup> Guiamo-nos por Souza (2008) para definir os conectores como uma classe abrangente de elementos gramaticais e lexicais que atuam na conexão e argumentação textual. Dentre esses, encontram-se as conjunções subordinativas e coordenativas, os pronomes relativos e as preposições – comumente definidos como conectivos – e construções conectoras menos gramaticalizadas, como advérbios, articuladores textuais ou outros elementos de ligação.

exemplificação, que são o objeto de análise deste artigo. O motivo para esse escopo está especialmente associado ao fato de já haver, na literatura gramatical e linguística, farta descrição das relações conclusivas e consecutivas promovidas por [por isso]<sub>conector</sub>, ao passo que outras relações resultativas, pertencentes ao domínio da conclusão, mas consideradas menos prototípicas, têm sido pouco exploradas. Desse modo, embora apresentemos os outros domínios na próxima seção, nosso foco neste artigo não é explorar a correspondência dos usos de [por isso] com os domínios de Sweetser. Isentamo-nos desse propósito uma vez que isso já foi realizado em trabalhos anteriores, por exemplo Lopes e Rabello (2022, 2024) e Floret (2022).

(01) Ninguém notava, a não ser Dulce que desde que entrou no colégio não desgrudava da loira e por isso tornaram-se melhores amigas.

(02) Resumo: o espaço é bem de toda a humanidade, por isso deve ser protegido.

Em (01), **por isso** articula duas unidades discursivas – D1 e D2 – pertencentes ao domínio do conteúdo (cf. Sweetser, 1990), na medida em que se referem a estados de coisas verificáveis no mundo real, tendo, portanto, natureza factual. Mais especificamente, **por isso** estabelece a relação entre uma causa (em D1) e uma consequência (em D2), sendo elas temporalmente situadas: a primeira é sempre anterior à segunda.

Em (02), por sua vez, D1 e D2 pertencem ao domínio epistêmico, haja vista que apresentam conteúdos referentes ao ponto de vista do enunciador, e não necessariamente a fatos do mundo biofísico-social. Nesse sentido, carregam conteúdo não factual. Além disso, D2 veicula valor semântico de conclusão em relação a D1, não havendo, entre as duas unidades discursivas, sucessão temporal. A conclusão é reforçada pelo tipo textual, visto que as duas unidades pertencem à tipologia dissertativa, cujas relações se estabelecem prioritariamente por elos lógicos, e não temporais.

Segundo Marques e Pezatti (2015), a conclusão mantém relação estreita com o silogismo, em que uma síntese é derivada de duas premissas, como no famoso exemplo: **Todo homem é mortal. Sócrates é homem. Logo, Sócrates é mortal.** Entretanto, as relações silogísticas se mostram pouco frequentes na expressão de causalidade (Amorim, 2017). Desse modo, faz-se mais produtivo diferenciar os conectores conclusivos pela estrutura de premissas que envolvem. Há, assim, uma relação entre uma premissa explícita e outra implícita. No caso em tela, a explícita se refere ao conteúdo expresso em D1; a implícita à ideia de que cabe a humanidade preservar tudo que lhe é bom. Sob esse ponto de vista, a conclusão envolve necessariamente, em D2, um conteúdo de natureza não factual e de natureza epistêmica. Além disso, implica (pelo menos a conclusão prototípica) uma relação atemporal entre D1 e D2. Sob esse ponto de vista, conclusão e consequência, em seus usos mais básicos, diferem-se quanto aos domínios de D1 e D2, à sucessão temporal ou não entre D1 e D2, e à factualidade ou não factualidade em D2.

Feita essa breve contextualização, passemos agora para o objeto de investigação deste trabalho, em que propomos algumas reflexões e análises sobre o conector complexo [por isso], especificamente, no estabelecimento da relação causal de elaboração. A partir da trajetória do conector do século XIV ao século XXI, observamos como a função, proposta a partir de Halliday (2004), pode ser verificada em [por isso] a partir de dados de uso real.

A macrocategoria de elaboração é proposta para conectores do esquema [PREP + ISSO] por Lopes e Silva (2022a), com sua análise da microconstrução [com isso]. Os autores baseiam-se na expansão lógico-semântica de cláusulas proposta por Halliday (2004) para aplicar o conceito ao conector. O argumento central é que a elaboração pertença ao terceiro domínio da causalidade proposto por Sweetser (1990), o de atos

de fala, que passaremos a chamar, a partir de agora, de *interacional*<sup>2</sup>, tendo como função, primeiro, reconhecer a primeira unidade discursiva como um enunciado para, depois, desenvolvê-la com informações adicionais. Nesse sentido, a elaboração é tomada como uma macrocategoria semântica, que abarca os valores de esclarecimento, exposição e exemplificação.

Lopes e Rabello (2022, 2024) demonstraram que a macrocategoria de elaboração também se apresenta nas ocorrências de [por isso]<sub>conector</sub><sup>3</sup>, fato possível porque as microconstruções fazem parte do mesmo subesquema. Assim, os autores demonstraram como a função é a segunda mais frequente nas ocorrências do conector, desenvolvendo relações como as expostas em (03), (04) e (05).

(03) A responsabilidade pelos comentários é exclusiva dos respectivos autores. Por isso, os leitores e usuários desse canal encontram-se sujeitos às condições de uso do portal de internet do Portal GCN e se comprometem a respeitar o Código de Conduta On-line do GCN.<sup>4</sup>

(04) Segundo a analista do IBGE, Denise Guichard, houve uma redução considerável no número de empresas e postos de trabalho, e a recuperação segue lenta. “Está difícil para as empresas se estabelecerem e gerarem empregos. Por isso, tanto em número de empresas como em pessoal assalariado, estamos em um patamar de o início de a década passada”, observa.

(05) Segundo o tenente Pedro Reis, são observados todos os aspectos legais quanto ao tema, incluindo a parte de regulação, que envolve órgãos

---

<sup>2</sup> Em trabalhos anteriores (cf. Lopes; Rabello, 2022), tal domínio foi denominado de domínio do ato de fala, a partir de uma tradução mais próxima ao *speech act* de Sweetser (1990). No entanto, considerando que a tradução como interacional vem sendo adotada em trabalhos recentes (cf. Floret, 2022). Assim, atualizamos a nomenclatura neste trabalho para evidenciar que há, nesse domínio, maior interação entre locutor e interlocutor. Ao exprimir atos de fala diretivos, como ordens, desejos etc., o locutor interage de modo mais direto com o(s) interlocutor(es). Cabe, por fim, ressaltar que os atos de fala podem ser de outras naturezas – por exemplo, declarativos – em nossas ocorrências de [por isso]. No entanto, há sempre um sentido de explicação direcionado ao(s) interlocutor(es).

<sup>3</sup> Para facilitar a leitura, adotaremos a notação entre colchetes quando falarmos da construção na virtualidade, como em [por isso], e a notação em itálico quando falarmos da construção em uma ocorrência específica, como em *por isso*.

<sup>4</sup> Corpus do Português, Século XXI.

como ANATEL, ANAC e Força Aérea.

“A segurança de voo é um fator muito importante. Por isso, dedicamos uma semana inteira para o treinamento. Nosso objetivo é buscar sempre o aperfeiçoamento, tendo em vista a melhora do serviço para a população”, conta Reis.

Segundo o argumento dos autores, a ocorrência (03) apresenta o valor de esclarecimento, na qual o conector introduz uma unidade discursiva capaz de justificar a unidade discursiva anterior, oferecendo um comentário explicativo sobre os fatos expressos na unidade prévia. Em (04), há o valor de exposição, em que segunda unidade discursiva é utilizada para reafirmar a primeira, apenas com o intuito de reforçar a informação anterior. E a ocorrência (05) demonstra o valor de exemplificação, em que um exemplo real é citado para desenvolver a tese da primeira unidade discursiva.

Lopes e Rabello (2024), no intuito de diferenciar as relações de consequência, conclusão e elaboração (na condição de macrocategoria semântica), empregam três fatores de análise: o tipo de domínio expresso em D2; a existência ou não de factualidade em D2; a sucessão temporal ou não entre D1 e D2. Suas observações levaram-nos à seguinte generalização expressa no Quadro1:

Quadro 1 – Fatores observáveis nas funções de consequência, conclusão e elaboração.

	<b>Domínio em D2</b>	<b>Factualidade em D2</b>	<b>Sucessão temporal entre D1 e D2</b>
<b>Consequência</b>	Conteúdo	Factual	Sim
<b>Conclusão</b>	Epistêmico	Não factual	Não
<b>Elaboração</b>	Interacional ou Conteúdo	Factual	Não

Fonte: elaboração própria.

A apreciação dos fatores relativos à consequência e à conclusão já foi feita na descrição que fizemos mais acima para as ocorrências (01) e (02). Como podemos observar, os três fatores nunca coincidem na classificação das atribuições semânticas. A elaboração, por exemplo, embora possa ocorrer no mesmo domínio e apresentar

factualidade em D2, quando comparada à consequência, não envolve uma relação temporalmente situada entre D1 e D2. É o que observamos, por exemplo, em (04), em que D2 pertence ao domínio do conteúdo, na medida em que apresenta um dado verificável na realidade concreta, de natureza factual, mas isso não envolve uma relação temporal (de anterioridade e posterioridade) entre D1 e D2<sup>5</sup>.

A partir da apresentação do processo de construcionalização de [por isso], este trabalho estabelece como objetivo principal descrever o desenvolvimento da função elaborativa nos estágios de mudança identificados na trajetória de [por isso]<sub>conector</sub>. Além disso, interessa-nos apresentar como a macrocategoria demonstra gradiência, em que originalmente temos um valor principal, de esclarecimento, e suas variantes, que expressam traços do que Halliday (2004) define como exposição e exemplificação. Desse modo, após esta introdução, passamos para uma breve revisão de literatura acerca da construção. Tal revisão é proposta para observar como as principais descrições gramaticais e linguísticas abordam a construção. Em seguida, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que orientam este trabalho. Logo após, adentramos a análise dos dados, descrevendo os contextos de mudança observados em [por isso]<sub>conector</sub>, com destaque para sua função elaborativa. Para finalizar, esboçamos algumas considerações e apresentamos as referências utilizadas.

## 2 Revisão da literatura

O estudo da construção [por isso] na literatura concorda que a construção atua como um conector conclusivo que relaciona orações coordenadas. No entanto, há bastante dissenso quanto à classificação gramatical.

Na perspectiva gramatical, temos contrapontos em abordagens tradicionais e em abordagens contemporâneas. A partir de uma visão mais tradicional, alguns

---

<sup>5</sup> Nos dados (03) e (05), D2 se difere da consequência por dois traços: além da ausência de sucessão temporal entre D1 e D2, D2 pertence ao domínio interacional.

autores defendem que a construção consiste em uma conjunção coordenativa conclusiva, que seria capaz de ligar uma oração a sua anterior, com a intenção de exprimir conclusão ou consequência (Lima, 2011; Cunha; Cintra, 2017). Em outras perspectivas, há autores que defendem sua classificação como um advérbio (Bechara, 2019; Neves, 2018) ou um elemento de natureza adverbial (Azeredo, 2018) capaz de estabelecer relações textuais de conclusão e consequência.

Em uma abordagem linguística, Barreto (1999), ao estudar a gramaticalização de conjunção na língua portuguesa, define que [por isso] percorreu o seguinte caminho: preposição + pronome > advérbio > conjunção, indo de um uso concreto para um uso abstrato. A autora explica que a construção, datada do século XIII, surgiu com o uso da preposição seguido dos pronomes demonstrativos *esto*, *esso* e *aquesto*, atuando como um encadeador de narrativa ou como reforço adverbial. A construção, então, passa a ser utilizado com valor adverbial no século XVI, característica relativamente preservada na sua atual classificação como conjunção.

Alinhados ao entendimento de Bechara (2019) e Neves (2018) sobre a construção, Lopes e Rabello (2022) procedem a uma descrição sincrônica de [por isso]<sub>conector</sub>. Nela, os autores descrevem como a construção é um conector de diferentes unidades discursivas, capaz de estabelecer os valores semântico-pragmáticos de conclusão, consequência e elaboração. Assim, pode atuar não somente no nível intraperíodo, conectando orações, como também nos níveis interperíodo e interparágrafo, conectando períodos ou parágrafos de um mesmo texto.

A descrição dos autores abriga as relações textuais já descritas na literatura, mas apresenta um terceiro tipo de relação possível para o [por isso], as relações de elaboração. Ao adotar uma análise linguística sobre a construção, os autores descrevem como a elaboração pode ser verificada no conector. Antes de explicar a elaboração, porém, é necessário fazer alguns apontamentos sobre a causalidade.

No âmbito da Linguística Cognitiva, Sweetser (1990) apresenta uma classificação da causalidade em três domínios funcionais: do conteúdo, epistêmico e



dos atos de fala. O domínio do conteúdo apresenta a causalidade expressa no mundo real. Em complemento, Dancygier e Sweetser (2000) indicam que as relações de conteúdo são o modelo padrão de causa porque há uma causa ativa. Um evento causa ativamente outro evento, como em (a). No entanto, a causa nessas relações pode, ainda, ser entendida como o estabelecimento das condições necessárias para que algo ocorra. É o que as autoras definem como *enablement*, em que há situações como em (b).

(a) John came back because he loved her.<sup>6</sup>

(b) He will come and spend Christmas with us because I'm paying for his flight,<sup>7</sup>

Seja como causa ativa ou por *enablement*, as relações de conteúdo apresentam sempre uma unidade de conteúdo factual (evento, situação, estado de coisas etc.) que é responsável por gerar outra unidade igualmente de conteúdo e factual.

No domínio epistêmico, a causalidade é vista de modo menos direto. O significado de causa é obtido através de um processo inferencial feito pelo falante. Nesse tipo de relação, alguma informação anterior ou conhecimento prévio do falante é usado como base para gerar uma conclusão. Observamos, então, usos como em (c).

(c) The rules cannot be broken, therefore the Dean knew some way around them that allowed him to hire John.<sup>8</sup>

Para esses dois primeiros domínios, Sweetser (1990) ressalta que há certa ambiguidade pragmática. Nesse sentido, as ocorrências do domínio do conteúdo podem inicialmente ser interpretadas como correspondentes ao domínio epistêmico e

---

<sup>6</sup> Sweetser (1990, p. 77). Em tradução livre: John voltou porque a ama.

<sup>7</sup> Dancygier e Sweetser (2000, p. 120). Em tradução livre: Ele virá passar o Natal conosco porque estou pagando seu voo.

<sup>8</sup> Sweetser (1990, p. 78). Em tradução livre: As regras não podem ser quebradas, portanto o reitor conhecia alguma forma de contornar isso que lhe permitiu contratar o John.

vice-versa. A distinção, porém, está no envolvimento do falante na relação. As relações de conteúdo têm caráter objetivo. Elas exibem pouco ou nenhum envolvimento do falante, uma vez que o papel do falante é apenas descrever a relação entre fatos ocorridos no mundo real (Sanders; Sanders; Sweetser, 2012). As relações epistêmicas, no entanto, têm o raciocínio do falante como essencial. Nessas, há uma forte presença do falante, que é o responsável por criar a causalidade ao relacionar premissas e argumentos no estabelecimento de uma conclusão (Sanders; Sweetser, 2009; Sanders; Sanders; Sweetser, 2012).

Por fim, no domínio dos atos de fala, por sua vez, não identificamos uma causa no mundo real, muito menos uma causa obtida através de inferência. A causa, neste domínio, é tomada como uma justificativa para o ato de fala inferível na cláusula principal (Sweetser, 1990). Temos, por exemplo, uso como em (d) ou (e).

(d) The rules cannot be broken, therefore “No”.<sup>9</sup>

As relações nesse domínio são, segundo a autora, motivadas por uma informação anterior, que justifica ou dá a permissão para que o ato de fala seja proferido. No caso de (d), o falante pode dizer “Não” porque ele tem conhecimento de que as regras não podem ser quebradas (Sweetser, 1990). Como adendo, Sanders; Sanders; Sweetser (2012) ressaltam que as relações no domínio dos atos de fala tendem a expressar verbalmente o responsável pela causalidade, mas o falante costuma não estar envolvido na construção.

Embora seja cara para os estudos sobre causalidade, a proposta de Sweetser (1990) é breve. Assim, julgamos importante dialogar com Neves (2011), que, com base em Sweetser, apresenta a causalidade na língua portuguesa. A proposta da autora

---

<sup>9</sup> Sweetser (1990, p. 78). Em tradução livre: As regras não podem ser quebradas, portanto, “Não”.

também se faz relevante por adotar uma perspectiva funcional similar a que trabalhamos neste artigo.

De modo geral, Neves (2011) apresenta a mesma conceituação da proposta original, demonstrando que, na língua portuguesa, temos construções que podem estabelecer causa de: a) eventos no mundo real, referente ao domínio do conteúdo; b) crenças ou conclusões, referente ao domínio epistêmico; ou c) uma explicação causal do ato de fala desempenhado. No desenvolvimento de sua análise, a autora ressalta que as relações desse domínio ocorrem "entre um ato de fala e a expressão da causa que motivou esse ato linguístico" (Neves, 2011, p. 805). A causalidade real, ainda de acordo com a autora, não é identificada nessas relações porque não há uma causa efetiva, material e eficiente. Além disso, também não há uma causalidade fruto da perspectiva do falante sobre os fatos. A causa é, então, mais frouxa e a noção de explicação ganha destaque nesse contexto.

A partir do exposto, Lopes e Rabello (2022, 2024) defendem que, nas relações do domínio interacional ou dos atos de fala de [por isso]<sub>conector</sub>, o usuário da língua utiliza o conector para expandir informação precedente. Com base em Halliday (2004), defendem que, ao explicar um ato de fala, o usuário da língua usa uma cláusula para elaborar o significado de outra, por meio de descrição ou especificação. No entanto, os valores semânticos compreendidos na categoria elaboração não foram captados pela Gramática Tradicional e, por esse motivo, ficam fora de suas descrições. Na próxima seção, exploraremos mais o conceito de elaboração.

### 3 Pressupostos teórico-metodológicos

O presente artigo baseia-se na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)<sup>10</sup>, área que consiste em uma corrente contemporânea dos estudos funcionalistas. O diálogo entre o Funcionalismo norte-americano e a Linguística Cognitiva, em especial

---

<sup>10</sup> Cf. Cunha; Bispo; Silva, 2013; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2013; entre outros.

a Gramática de Construções, possibilita o surgimento dessa vertente. Com o objetivo de estudar conjuntamente a gramática e o discurso, a LFCU considera que há simbiose e influência mútua entre eles. Como um de seus princípios básicos, entende que a estrutura da língua surge a partir do uso cotidiano na prática discursiva dos falantes. Desse modo, essa é uma corrente que visa a investigar os fatos linguísticos com base nas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas operacionalizadas em diferentes contextos linguísticos, sem desconsiderar a situação extralinguística (Cunha; Bispo; Silva, 2013).

O diálogo com a Linguística Cognitiva possibilita a adoção de uma abordagem construcional da gramática pela LFCU. Assim, toma a língua como um inventário de construções, essas compreendidas como pareamentos simbólicos de forma e sentido (Goldberg, 1995). Entre seus principais pressupostos teóricos, a LFCU considera a gramática como um conjunto de processos simbólicos utilizado na construção e organização do discurso, assim a gramática e o discurso são tidos como mutuamente dependentes (Cunha; Bispo; Silva, 2013).

A referida vertente funcionalista também toma como cara a noção de iconicidade, entendida como a correlação natural entre a forma e o sentido (Cunha; Bispo; Silva, 2013). O princípio de iconicidade, de acordo com Givón (1984 *apud* Cunha; Bispo; Silva, 2013, pode ser verificado em três subprincípios: quantidade, proximidade e ordenação linear. Para este trabalho importa, principalmente, o último. O subprincípio de proximidade, também chamado de subprincípio de integração, estabelece que as informações conceitualmente próximas na cognição do usuário tendem a refletir essa proximidade na estrutura linguística. Com base nisso, interpreta-se que a proximidade entre [por isso] e outros elementos da unidade discursiva é, como veremos na análise, um fator importante para sua mudança como conector.

A LFCU parte do pressuposto de que as línguas estão sujeitas à variação e à mudança decorrentes dos usos reais em situações comunicativas. Os estudos dessa vertente defendem que a combinação entre sincronia e a diacronia é a mais adequada

para o estudo de mudança linguística, assumindo uma perspectiva pancrônica. Bybee (2016 [2010]) defende que sincronia e diacronia precisam ser vistas como um todo integrado. A autora explica que a primeira é importante para descrever a língua em seu estado atual, mas a segunda também se faz fundamental para compreender os padrões morfossintáticos, que são fruto de longas trajetórias de mudança. Assim, a perspectiva pancrônica, em que combinamos diacronia e sincronia, possibilita compreender e descrever as propriedades da língua de forma adequada.

A partir do viés pancrônico, adotamos o conceito de construcionalização para verificar a trajetória de mudança do conector. A construcionalização consiste na "criação de (combinações de) signos com forma<sub>nova</sub>-significado<sub>novo</sub>", formando "novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes" (Traugott; Trousdale, 2021 [2013], p. 58).

Considerando isso, este trabalho parte da perspectiva sincrônica apresentada em Lopes e Rabello (2022) para investigar a trajetória diacrônica de [por isso]<sub>conector</sub> na função elaborativa. Com esse foco, os conceitos de metonímia e neoanálise também se mostram relevantes. Cunha, Bispo e Silva (2013) explicam que a metonímia é um processo cognitivo pelo qual uma entidade fornece acesso a outra, ambas pertencentes ao mesmo domínio conceitual. As projeções metonímicas são importantes para a transferência semântica necessária durante a neoanálise de uma construção, ou seja, durante a reinterpretação que convencionalizará um novo pareamento forma e sentido na língua (Traugott; Trousdale, 2021).

Para compreender os diferentes contextos envolvidos na mudança da construção, baseamo-nos no *cline* contextual proposto por Diewald (2006)<sup>11</sup> e na descrição da trajetória diacrônica dos conectores [com isso], feita por Lopes e Silva

---

<sup>11</sup> A proposta da autora é desenvolvida a partir do conceito de gramaticalização, mas vem se mostrando aplicável também em pesquisas guiadas pelo conceito de construcionalização.

(2022b), e [por isso], feita por Rabello (2024). Em sua proposta, Diewald (2006) estabelece que a mudança de uma construção passa por três estágios: I. Pré-condições de gramaticalização; II. Desencadeamento da gramaticalização; III. Reorganização e diferenciação.

No primeiro estágio, temos as pré-condições de construcionalização que possibilitam atribuir novo sentido a uma determinada construção. Tal estágio é denominado contexto atípico e é caracterizado pela inferência sugerida que levará à convencionalização na mudança, ou seja, à neanálise do objeto. No segundo estágio, denominado contexto crítico, já temos construcionalização em andamento. Assim, a construção em mudança é caracterizada por ambiguidade estrutural, abarcando mais de um significado e função possíveis. No terceiro estágio, denominado contexto isolado, temos a consolidação da construcionalização, ou seja, a mudança se convencionalizou. Nesse estágio, a construção consiste em um novo pareamento de forma e significado, seu uso é conceptualizado como distinto do uso original.

Além da LFCU, os estudos pragmáticos também contribuem para este trabalho, especificamente a pesquisa de Sweetser (1990) sobre os domínios da causalidade. Como mencionamos, a autora propõe que as relações de causalidade estão organizadas em três domínios: do conteúdo; epistêmico e interacional. Para os fins deste artigo, nos interessa principalmente o domínio interacional.

O domínio interacional está relacionado às relações abrigadas pela proposta de elaboração, na qual os enunciados são ligados por meio de um ato de fala (Sweetser, 1990). A proposta de uma macrocategoria de elaboração presente em construções conclusivas surge quando Lopes e Silva (2022a) se apropriam de Halliday (2004) para analisar ocorrências da microconstrução [com isso].

Em Halliday (2004), a elaboração é descrita como a elaboração do significado de uma cláusula por outra. A cláusula secundária não necessariamente introduz um novo elemento ao texto, mas sim acrescenta uma caracterização a um elemento já

presente na unidade discursiva. Segundo esse argumento, isso é feito para especificar, reafirmar ou refinar o elemento.

Ainda de acordo com o autor, a elaboração pode ser estabelecida por exposição, exemplificação e esclarecimento. A exposição ocorre quando a segunda cláusula reafirma a tese da primeira, o que pode ser feito para apresentá-la por outra perspectiva ou para reforçá-la. A exemplificação acontece quando a segunda cláusula desenvolve a tese da primeira, frequentemente com a citação de exemplos. O esclarecimento, por sua vez, ocorre quando a segunda cláusula é utilizada para esclarecer a tese, oferecendo alguma forma de explicação ou comentário explicativo.

Nesse sentido, Lopes e Silva (2022a) verificam que a microconstrução [com isso], de modo similar, também é usada para expansão de informação. Na proposta dos autores, as relações abordadas pela macrocategoria de elaboração (esclarecimento, exposição e exemplificação) apresentam relação de igualdade entre as unidades discursivas, de modo que a segunda unidade desenvolve a primeira unidade. Em Lopes e Rabello (2024), propomos um refinamento da macrocategoria. Com efeito, defende-se que a elaboração apresenta principalmente valor de esclarecimento, em que o locutor justifica uma asserção anterior. Desse modo, considerando a discussão cara, este trabalho opta por demonstrar como a elaboração e o sentido de explicação aparecem na trajetória de mudança da microconstrução [por isso].

Acerca dos procedimentos metodológicos, o *corpus* da pesquisa foi formado por 917 ocorrências, recuperadas de três fontes: o Corpus Informatizado do Português Medieval<sup>12</sup> (CIPM), o Corpus Vercial<sup>13</sup> – ambos para diacronia – e a interface NOW do site do Corpus do Português<sup>14</sup> – para a sincronia. A seleção das fontes realizada objetivando coletar dados representativos da diversidade da língua portuguesa. Nesse sentido, os dados abrigam variedade na modalidade da língua, contendo usos do

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=VERCIAL>

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>

português brasileiro e europeu. Os *corpora* são, ainda, ricas fontes gratuitas de pesquisa devido a sua extensão. O CPIM, desenvolvido pela Universidade NOVA de Lisboa, é formado por mais de 40 obras distribuídas entre o século XII e o século XVI. O *corpus* se faz caro por sua variedade de gêneros textuais, visto que comporta crônicas, prosas didático-moralistas ou gêneros notoriais. Visando complementar os dados, selecionamos o *corpus* Vercial por ser composto de 309 obras literárias, de autoria de 55 escritores portugueses, publicadas entre 1500 e 1933. Com isso, o *corpus* abriga dados do período entre o século XV e o século XX. Para os dados sincrônicos, selecionamos o *Corpus* do Português, especificamente a interface NOW, que comporta mais de 1 bilhão de palavras. Os dados da interface são recuperados de textos jornalísticos publicados na web entre 2012 e 2019.

A coleta de dados retornou 993 ocorrências da construção [por isso]<sup>15</sup>. O CPIM recuperou 207 ocorrências para a construção, que coletamos e analisamos em sua totalidade. O Vercial retornou 1.122 ocorrências, das quais coletamos em média<sup>16</sup> as 150 primeiras ocorrências de cada século referente ao período entre o século XV e o século XX. Por fim, no NOW, recuperamos 341.951 ocorrências de [por isso], das quais selecionamos as 100 primeiras. Durante a análise inicial dos dados, muitos dos trechos recuperados nos três *corpora* apresentaram mais de uma ocorrência do objeto, o que alterou o quantitativo final. A síntese dos dados pode ser observada na Tabela 1.

---

<sup>15</sup> Considerando a falta de padronização ortográfica em períodos anteriores ao português contemporâneo, a pesquisa também buscou por outras grafias da construção. Com isso, encontramos também ocorrências em que o pronome demonstrativo é escrito de modo distinto, como em *por esso* ou *por yssso*.

<sup>16</sup> Ressalta-se que os séculos XVI e XVIII retornaram, respectivamente, 133 e 44 ocorrências, que foram analisadas em sua totalidade.



Tabela 1 – Distribuição dos dados de [por isso].

Século	Corpus			Total
	CPIM	Vercial	NOW	
XIII	8	-	-	8
XIV	118	-	-	118
XV	60	-	-	60
XVI	17	180	-	197
XVII	-	157	-	157
XVIII	-	44	-	44
XIX	-	154	-	154
XX	-	151	-	151
XXI	-	-	104	104
<b>Total</b>	<b>203</b>	<b>686</b>	<b>104</b>	<b>993</b>

Fonte: elaboração própria.

Com o total de 993 ocorrências, procedemos com o descarte de 76 ocorrências, 36 por duplicidade e 40 por estarem incompletas<sup>17</sup>. As 917 ocorrências restantes foram analisadas a partir do método misto (Lacerda, 2016), combinando as abordagens quantitativa e qualitativa. Dito isso, passemos para a análise dos dados.

#### 4 A função elaborativa na construcionalização de [por isso]<sub>conector</sub>

A descrição da trajetória diacrônica de [por isso]<sub>conector</sub> elaborativo permite observar que o ato de justificar é realizado com diferentes estratégias pelo locutor. De modo geral, ele sempre busca adicionar um comentário explicativo sobre a D1, mas isso pode ser feito de modos menos diretos. Assim, temos um uso prototípico, denominado aqui de esclarecimento, em que o locutor acrescenta o comentário explicativo à D1, e usos menos prototípicos, denominados de esclarecimento não prototípico, em que o locutor resume, parafraseia ou exemplifica a D2.

A partir dos dados, verificamos que a função elaborativa em [por isso]<sub>conector</sub> surge no século XIV, com o valor de esclarecimento prototípico. No século XV, a

---

<sup>17</sup> O *corpus* Vercial recupera apenas períodos, por esse motivo algumas referências não apresentavam contexto suficiente para análise, por exemplo: id="Cartas Prosa:cartas LVC 1570 masc ": E por isso, respeitando. Como a ocorrência é muito genérica também não foi possível identificar a obra em que estava presente.

função registra o esclarecimento com traços de exposição e, no século XXI, com traços de exemplificação. O surgimento da função está relacionado à passagem de [por isso] com função adverbial para a função conectora<sup>18</sup>. Desse modo, temos elaboração apenas nos dois últimos estágios de mudança. Nos contextos típico e atípico, embora haja semântica de explicação, não há a função de elaboração porque o uso como conector ainda não existe. Passemos, então, a observar como se desenvolvem os contextos de construcionalização de [por isso].

#### 4.1 Contexto típico

A proposta de Diewald (2006) centra-se nos estágios em que ocorre mudança linguística. A autora não apresenta análises profundas sobre o contexto típico, isto é, os de uso original da construção. No entanto, julgando ser interessante observar o que há na origem de [por isso]<sub>conector</sub>, optamos por abordar brevemente o estado da construção antes da mudança.

Nesse sentido, o contexto típico é caracterizado pelo uso original de [por isso], pois verificamos a posição prevista para os termos integrantes e para os acessórios. Este contexto não apresenta o uso como conector, então não temos a função elaborativa. Conseguimos, no entanto, observar o uso de [por isso] em contextos em que ocorrem justificativas – traço característico da elaboração. Como vemos na Tabela 2.

Por uso original, entende-se que não há presença de inovações no uso do objeto em análise. Assim, apesar de aparecer nesses contextos, a construção não é responsável pela conexão entre as unidades discursivas, ela veicula, principalmente, noções de causa e meio.

---

<sup>18</sup> Como veremos, a construcionalização de [por isso]<sub>conector</sub> parte de [por isso]<sub>adjunto adverbial</sub>. Assim, o resultado do processo de mudança é a criação de uma nova construção, com função conectora, e a permanência da construção original, com função de adjunto adverbial.

Tabela 2 – Semânticas do contexto típico.

Século	Explicação	Conclusão	Total
XIII	-	-	-
XIV	7	4	11
XV	1	2	3
XVI	32	16	48
XVII	1	3	4
XVIII	1	3	4
XIX	15	18	33
XX	16	10	26
XXI	6	4	10
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>60</b>	<b>139</b>

Fonte: elaboração própria.

Antes da mudança, a construção é empregada com um significado lexical ou menos procedural. Para [por isso], observamos que o contexto é caracterizado por um uso oracional, na função de complemento verbal<sup>19</sup> ou de adjunto adverbial. Além disso, a posição também se mostra um aspecto importante nesse contexto, pois, [por isso] aparece sempre em posição posterior ao subordinador. Vejamos uma ocorrência.

(06) Estando as coisas naquele pé, e o partido dos mijados reforçado com toda-las mulheres ruins de Portugal, que, segundo os cálculos trastistegos andarão por um milhão delas, alembrou-se o maldito do porvedor de embirrar com a minha Maria, e de querer por força revistá-la, dizendo que ela era esta e aquela, e que em sua casa non se via senon intrar e sair embuçados de noute e de dia, e que ela non era mais grave que as oitras, e que a lei havia de ser obedecida, e oitros muntos despropósetos desta ugalha. Ao que ela le respondeu que crescesse pra ela, se queria ver como ela le revistava tamém os miolos com a fouce, e mais que le non levava nenhuns seis vinténs **por isso**.<sup>20</sup>

Na ocorrência, temos um trecho do livro *Crónica Certa e muito Verdadeira de Maria da Fonte*, de António Feliciano de Castilho. Nela, **por isso** atua como adjunto

<sup>19</sup> Como esse uso possui baixa frequência no contexto típico, fizemos a escolha metodológica de apresentar apenas ocorrências da função de adjunto adverbial. Essa escolha é feita considerando também que é o uso adverbial que favorece a mudança.

<sup>20</sup> Corpus Vercial, Século XIX.

adverbial vinculado ao subordinador **levava**. Observamos que a construção ocupa a posição prevista para os adjuntos adverbiais, posterior ao verbo e ao seu complemento, obedecendo à estrutura argumental mais comum no português: verbo + complemento + acessório. A distância entre o **por isso** e seu subordinador reflete que, apesar de ainda estar vinculado sintática e semanticamente a ele, a construção não apresenta tanta integração com o subordinador.

A ocorrência possibilita analisar, ainda, o caráter acessório dos usos de [por isso] como adjunto adverbial, pois a construção pode ser retirada da oração sem grande prejuízo ao enunciado. Com isso, porém, não queremos dizer que não é importante para o enunciado, intentamos apenas demonstrar que a construção não se apresenta como essencial para sua compreensão.

#### 4.2 Contexto atípico

No primeiro estágio de mudança, denominado de contexto atípico, surgem as inovações que desencadeiam a mudança (Diewald, 2006). Na análise de [por isso]<sub>conector</sub>, observamos que a mudança de posição é a principal inferência para a reinterpretação do objeto. Nesse contexto, o adjunto adverbial passa a ser utilizado à esquerda de seu subordinador, afrouxando a integração entre eles.

O contexto atípico ainda é marcado pelo uso oracional de [por isso] e semânticas continuam as mesmas, como vemos na Tabela 3.

Tabela 3 — Semânticas do contexto atípico.

Século	Explicação	Conclusão	Total
XIII	1	1	2
XIV	9	14	23
XV	6	5	11
XVI	18	26	45
XVII	3	8	11
XVIII	3	7	10
XIX	7	10	33
XX	3	3	6
XXI	-	-	-
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>74</b>	<b>124</b>

Fonte: elaboração própria.

No entanto, com a mudança de possível, [por isso]<sub>adjunto adverbial</sub> começa a aparecer em contexto favoráveis para a o desenvolvimento da função de elaboração. Vejamos uma ocorrência.

(07) Dividem-se, pois, as dições singelas ou apartadas, como *dou, das, dar*, e como *és*, segunda pessoa do verbo sustantivo, e em sillabas se dividem, como *damos* e *somos* e *andamos*. E não se podem dividir em dições como *fazer*, porque *fa* por si não diz nada, e *zer* tão-pouco. E posto que se possam dividir quanto à voz, o seu primeiro e principal intento e seu significado não consintem a tal divisão, porque, ainda que este verbo *amariamos*, como outras muitas partes também fazem, se possa apartar em outras partes que significam apartadas, como em *ama*, nome de molher que cria, ou verbo imperativo e também indicativo, e mais em *riamos*, preterito imperfeito de *rir*, não **por isso** lhe diremos que é parte composta ou junta, porque não é seu intento, em *amariamos*, de *amar*, significar essoutras cousas (italico do original).<sup>21</sup>

Na ocorrência, **por isso**, na função de adjunto adverbial, está vinculado ao subordinador **diremos**. Ao contrário do contexto típico, o termo acessório aqui não aparece na ordem prevista para a estrutura argumental, ele é alocado antes do subordinador. Nesse sentido, ainda de acordo com o subprincípio icônico de integração, defendemos que os elementos estão menos integrados cognitivamente e, portanto, aparecem afastados na estrutura sintática.

Ademais da quebra de integração entre os elementos, também conseguimos verificar alterações nas propriedades semântico-pragmáticas de [por isso]<sub>adjunto adverbial</sub>. Tais alterações são as mudanças construcionais que favorecem a posterior convencionalização do valor elaborativo de [por isso]<sub>conector</sub>. Na análise dos dados, observamos que há alta frequência do advérbio [por isso] associado ao verbo **dizer**, principalmente no contexto crítico em justaposição ao conector **e**. O uso no contexto

---

<sup>21</sup> Corpus Vercial, Século XVI.

crítico, como veremos, ocorre para retomar ou introduzir uma fala que contém informação capaz de justificar ou explicar a asserção anterior.

No contexto atípico, encontramos apenas 6 ocorrências em que **por isso** e o verbo **dizer** estão integrados. Como nesses usos ainda há um uso oracional, não temos a função de elaboração como uma relação de sentido propriamente dita. No entanto, notemos que a construção é utilizada em um contexto rico por explicações na ocorrência (07), uma gramática. Na obra, o enunciador apresenta a todo momento justificativas para as regras da língua. Assim, o uso em contextos como o da ocorrência provavelmente favoreceu o desenvolvimento da elaboração.

Desse modo, apesar do uso oracional ainda ser uma característica do contexto atípico, já conseguimos recuperar as inferências sugeridas<sup>22</sup> que possibilitarão a neoanálise da construção, são elas: a mudança de posição e o uso em contexto de justificativa. Portanto, defendemos que usos como os descritos acima são reflexos dos usos oracionais que influenciaram o surgimento da função de elaboração.

### 4.3 Contexto crítico

Segundo Diewald (2006), o contexto crítico surge no segundo estágio de mudança. O estágio marca a ambiguidade estrutural e semântica apresentada pela construção durante a construcionalização. Em [por isso], os dados demonstraram que a justaposição a outros conectores é o principal aspecto do contexto. Assim, a construção passa por um estágio próximo ao que Lopes e Silva (2022b) descreveram para a construção [com isso]. Na investigação dos autores, identificou-se que [com

---

<sup>22</sup> Segundo Traugott e Dasher (2002), as inferências sugeridas representam os casos iniciais de inovação, no contexto atípico, em que falante e ouvinte atribuem um novo sentido ou uma nova função a uma construção conhecida. Essa inovação ainda não caracteriza necessariamente uma mudança, que só decorre da convencionalização do novo uso.

isso] herda, via metonimização e neoanálise<sup>23</sup>, propriedades morfossintáticas de outros conectores.

Desse modo, o uso de [por isso]<sub>conector</sub> começa a ser percebido no contexto crítico e, conseqüentemente, as funções estabelecidas pela construção também são. A elaboração é registrada associada aos usos da construção em contextos que envolvem justificação. No entanto, a construção ainda não atua de forma independente, a conexão depende de um conector canônico, enquanto o [por isso] marca as relações de sentido entre as unidades discursivas. O conector *e* é o mais frequente no contexto, por esse motivo não focaremos nossa análise nos conectores presentes nesse estágio. Vejamos uma síntese da elaboração no contexto crítico.

Tabela 4 – A elaboração no contexto crítico.

Século	Valores de elaboração		Total
	Esclarecimento	Esclarecimento não prototípico	
XIII	-	-	-
XIV	12	14	26
XV	9	8	17
XVI	22	2	24
XVII	7	5	12
XVIII	4	-	4
XIX	20	-	20
XX	29	1	30
XXI	9	-	9
<b>Total</b>	<b>112</b>	<b>30</b>	<b>142</b>

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 4 demonstra que o esclarecimento prototípico, em que há acréscimo de informação, é o valor mais frequente em ocorrências de elaboração. Ao contrário do que fizemos em Lopes e Rabello (2022), entendemos que os casos antes definidos como exposição e exemplificação podem, agora, ser compreendidos como usos não

<sup>23</sup> Para os propósitos deste texto, podemos descrever a metonimização como o processo pelo qual uma expressão linguística herda propriedades de outras expressões existentes no contexto, com a qual coocorrem. Quanto mais expressões linguísticas aparecem nesse tipo de contexto, mais propensas elas estão à neoanálise, isto é, a uma reinterpretação de seu sentido ou função na língua.

prototípicos do esclarecimento. Em tais usos não prototípicos, o esclarecimento apresenta traços das outras funções identificadas em Halliday (2004). O locutor pode, por exemplo, usar o conector para resumir o conteúdo ou exemplificá-lo. Vejamos, primeiro, uma ocorrência do esclarecimento prototípico.

(08) A ANP discorda do Ibama sobre a aplicação da Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos, de 2010, para o descarte de cascalhos. Segundo a agência, o assunto deve ter critérios estabelecidos pela Lei do Óleo.

A AGU concordou com essa visão, mas deu ao Ibama a liberdade de definir, qual, afinal, serão as normas usadas. O órgão ambiental, porém, continua sem definir o assunto. O Ibama declarou que “já adotava critério para descarte” antes da norma de 2018 e, **por isso**, a ausência de regra “não representa a falta de controle ambiental”. Mas o órgão disse existirem “critérios técnicos que precisam ser discutidos” e “a ideia é adotar as melhores práticas internacionais para a questão”.<sup>24</sup>

O trecho apresenta a “fala” de uma instituição, justificando seu posicionamento acerca da controvérsia. A informação veiculada pelo **por isso**, na D2, funciona como um comentário que justifica a posição do locutor. Com efeito, ele fornece um detalhamento sobre a asserção da D1, indicando uma motivação. Os dados indicam que o padrão identificado em (08) é o prototípico de esclarecimento, porque o locutor usa a D2 para justificar um enunciado, com o intuito de incluir comentário explicativo adicional sobre o tema. Há, portanto, uma elaboração do que foi enunciado anteriormente.

No entanto, o locutor pode utilizar outras estratégias para justificar o conteúdo. Pode, por exemplo, usar a D2 para resumir o conteúdo da D1. Vejamos um exemplo.

(09) Disse Moyses, e disse verdade, que, no primeiro começo, que Deus criara os ceos e a terra e todas as outras criaturas, que criara o homem e, quando o criou, que disse: "Façamos homem à simildon nossa". E a occasiom por que disse Deus que o homem fosse criado à sua simildom

---

<sup>24</sup> Corpus do Português, Século XXI.



determinarom que foi por duas cousas. A primeira, porque Deus sabia, na sua alta sabedoria, que elle avia de ser homem e **por isso disse** que o home fosse feito à sua simildom. A segunda rezão he porque elle queria fazer o homem razoavil e **por isso disse** que o queria fazer à sua simildom e, depois que o homem assi foi criado, foi razoavil e sabedor.<sup>25</sup>

Em (09), **por isso** é utilizado duas vezes justaposto ao conector **e** e ao verbo **disse**, com quem ainda preserva certa vinculação sintática e semântica, e, por esse motivo, ainda aparece próximo na estrutura. A justaposição ao conector permite que [por isso] herde propriedades morfossintáticas do conector. Assim, a ocorrência é típica do contexto crítico, em que começamos a observar a ambiguidade semântica e estrutural que levará ao uso conector. A ambiguidade estrutural fica clara na nova relação de **por isso** com o conector **e** e em sua impossibilidade de desvinculação total do verbo **disse**.

A ambiguidade semântica, por sua vez, pode ser verificada no tipo de valor semântico que a construção estabelece. Em (09), defendemos que há um esclarecimento não prototípico porque o enunciador recorre à paráfrase de uma fala para explicar seu argumento. No trecho, a tese principal do enunciado é que Deus criou o homem a partir de sua própria imagem. Para explicar essa tese, o enunciador diz que Deus queria que o homem tivesse suas características, porque ele próprio seria um homem, assim esse conhecimento prévio motivou a sua fala. Ao apresentar esse argumento, o enunciador utiliza o *e por isso disse* para retomar a tese principal, com o intuito de justificar o que é dito.

A partir de usos como esse, compreendemos que o esclarecimento apresenta traços de exposição. O locutor não só utiliza um comentário explicativo para elucidar a tese da primeira unidade discursiva, marca do valor de esclarecimento, mas também reafirma a tese inicial por meio de paráfrase, marca do que Halliday (2004) define como

---

<sup>25</sup> Corpus Informatizado do Português Medieval, Século XIV.

exposição. Assim, já no contexto crítico é viável perceber gradiência da função elaborativa.

Apesar da proposta da Linguística Sistêmico-Funcional não prever gradiência entre as categorias, não esperamos uma aplicação total do conceito de Halliday (2004) em nosso objeto. A proposta do autor é adaptada para reforçar a função exercida pelo conector, que usa a segunda unidade discursiva para expandir a primeira. Assim, alinhados à LFCU, defendemos que a gradiência é possível nos dados de [por isso] e que os valores de exposição e exemplificação, anteriormente identificados em Lopes e Rabello (2022), são usos menos prototípicos de esclarecimento.

Para finalizar o contexto crítico, cabe mencionar que já nesse estágio é possível identificar os aspectos que distinguem o domínio interacional dos demais domínios da causalidade. Identifica-se, por exemplo, facticidade nas unidades discursivas, em (08) e (09), e verifica-se a ausência de ordenação temporal. O contexto, em suma, assume uma posição intermediária na construcionalização de [por isso]<sub>conector</sub>. Aqui, não temos mais o uso original de [por isso]<sub>adjunto adverbial</sub> e ainda não temos totalmente o novo uso de [por isso]<sub>conector</sub>.

Desse modo, embora haja comportamento similar ao que veremos nos usos de [por isso]<sub>conector</sub> no contexto isolado, a construção ainda está em processo de mudança. A capacidade conectora, nesse sentido depende da justaposição a outros conectores para realizar conexão. Portanto, a construção só se apresentará como um conector independente, após neoanálise, no contexto isolado.

#### 4.4 Contexto isolado

O contexto isolado, de acordo com Diewald (2006), apresenta a consolidação do processo de mudança. Nesse terceiro estágio de mudança, o novo uso é isolado do uso original e a construção constitui um novo pareamento de forma e sentido. Para o [por isso]<sub>conector</sub>, isso significa que a construção: a) liga segmentos textuais sem depender de outros conectores, b) está posicionada à margem esquerda da unidade discursiva, c)

estabelece relações dissertativo-argumentativas ou lógico-semântica e d) realiza coesão híbrida.

Na descrição da macrocategoria de elaboração na diacronia, objeto deste artigo, encontramos 95 ocorrências no contexto isolado. Assim, no terceiro estágio de mudança, a elaboração também é a segunda relação causal mais prototípica, ficando atrás apenas da conclusão. Vejamos a síntese da macrocategoria na diacronia.

Tabela 5 — A elaboração no contexto isolado.

Século	Valores de elaboração		Total
	Esclarecimento	Esclarecimento não prototípico	
XIII	-	-	-
XIV	5	-	5
XV	3	5	8
XVI	3	-	3
XVII	22	6	28
XVIII	10	1	11
XIX	11	3	14
XX	11	-	11
XXI	11	4	14
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>19</b>	<b>95</b>

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 5 sistematiza em termos quantitativos como a elaboração se apresenta no contexto isolado. Assim, reforçamos que a frequência do valor de esclarecimento é uma forte evidência de sua prototipicidade na macrocategoria nos usos de [por isso]. Como vemos, esclarecimento não apenas aparece primeiro no uso independente de [por isso]<sub>conector</sub>, no século XIV, como também com mais frequência e estabilidade ao longo dos séculos. Em seguida, usos menos prototípicos com traços de exposição são identificados no século XV. O esclarecimento menos prototípico com traços de exemplificação é encontrado apenas em uma ocorrência, no século XXI. Dito isso, observemos uma ocorrência do valor prototípico.

(10) C(ri)sma he hu~a das cousas q(ue) mays co~sagra o bautismo. Mays por q(ue) auem(os) falado de totalas out(ra)s man(eyr)as q(ue) co~uem ao bautismo, q(ue)remos aq(ui) falar da c(ri)sma e dos out(ro)s olios q(ue)

sagra~ q(uan)do sagra~ ella assi como aq(ue)l q(ue) he p(er)a hu~tar os enf(er)mos e os out(ro)s q(ue) uolue~ co~ o [balssamo] a que chama~ crismar (con) q(ue) unge~ os apostoligos e os enp(er)adores e os rreys e os p(re)lados mayores e desi os sacerdotes e ainda out(ra)s cousas muytas q(ue) am de sagnar (con) elle. \$ E outrossy do olio q(ue) he p(er)a os q(ue) esta~ en p(ro)ua da fe q(ue)rendosse tornar a ela ou q(ue) som assinaad[o]s p(er)a rreçebello ant(e) q(ue) os bautizasse~. \$ Mais por que a c(ri)sma he mays nobr(e) ca estes outros olios por q(ue) cada hu~u~ delles he se~gelo cen ssy e [ela] he (con)posta de d[o](us) onde rreçebe sagraço~ dobrada, por esso q(ue)remos mostrar p(ri)meyrame~t(e) por q(ue) ha assy nome.<sup>26</sup>

Em (10), **por isso** é utilizado para introduzir um comentário que justifica todo o enunciado anterior. Na ocorrência, verificamos, então, o valor de esclarecimento. Tal como é esperado no contexto isolado, a conexão é realizada somente pelo **por isso**, não há dependência de outros conectores. A construção aparece na posição intraperíodo, retomando diretamente duas orações anteriores, mas a informação introduzida ali implica o que foi dito em todo o parágrafo anterior. Comparemos com outro dado.

(11) E como os que governam, pelas obrigações de seus mesmos officios e pelas omissões que neles cometem, e pelos danos que por vários modos causam a tantos, os quais danos não param ali, mas se continuam e multiplicam em suas consequências, têm tão dificultosa a salvação, por isso São Crisóstomo, falando lisa, sincera e moralmente, sem encarecimento nem hipérbole, disse que ele se admirava muito e não podia entender como era possível que algum dos que governam se salve: *Mirror, an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit salvus.*<sup>27</sup>

No dado, apesar de também estar intraperíodo, a construção retoma apenas a oração *E como os que governam [...] têm tão dificultosa a salvação*. Com isso, reforçamos a defesa de que há gradiência na elaboração. O dado apresenta, ao mesmo

<sup>26</sup> Corpus Informatizado do Português Medieval, Século XIV.

<sup>27</sup> Corpus Vercial, Século XVII.

tempo, uma explicação para informação anterior – característica do esclarecimento – e a paráfrase de uma fala – característica da exposição.

Além disso, a ocorrência (11) permite visualizar de forma mais nítida o afrouxamento entre os constituintes. Ao contrário do contexto crítico, em que sempre observamos a sequência indissociável [e por isso Verbo **dizer**], o contexto isolado indica que o conector *e* já não é mais necessário e o verbo **dizer** pode aparecer separado, por exemplo, por uma oração subordinada adjetiva. Desse modo, recuperamos certa vinculação entre os elementos, mas ela nem sempre transparece na estrutura.

As ocorrências (12) e (05), expostas abaixo, demonstram as possibilidades de extensão do escopo remissivo da construção no contexto isolado. Após sua construcionalização como conector, [por isso] pode ocorrer também em posição interperíodo, retomando um período anterior – como em (05) – ou interparágrafo, retomando um parágrafo inteiro – como em (12).

(05) Segundo o tenente Pedro Reis, são observados todos os aspectos legais quanto a o tema, incluindo a parte de regulação, que envolve órgãos como ANATEL, ANAC e Força Aérea.

"A segurança de voo é um fator muito importante. **Por isso**, dedicamos uma semana inteira para o treinamento."<sup>28</sup>

(12) Que o homem deve despender ho domingo e festas em horaçom:

Deves de sab(e)r que em todo tenpo e luga(r) pode homem rroguar D(eu)s, mes mais espicialment(e) no moest(eir)o e com maior devaçom, princepallment(e) aos doming(os) e festas que p(er)a isto sam estabellecid(os), que entom he homem mais asinha ouvido pollos mereciment(os) dos sant(os). E deve-sse homem entom a guardar de todas terreaes ocupaço~oes e espicialment(e) de pecado, e ocupar-sse em oraçom e em s(er)vir D(eu)s, ca D(eu)s mandou na lei velha apedrar hu~u homem por hu~a pouca de lenha que colheo ao sa´bado. Pois que s(er)a´ daquell(e)s que ao domingo e festas fazem os grandes pecad(os) e guastam o p(re)ciosso tenpo aas ta´vollas e aos dad(os) e em fallas va~as e em maas festas, que Santo Agostinho diz que som pecad(os) mortaaes, tirando as que

<sup>28</sup> Corpus do Português, Século XXI.

sse fazem nas vodas dos amig(os) ca(r)naaes?

**Por isso** deve homem guasta(r) o domingo e as festas em oraçom e em s(er)vir e louvar D(eu)s pollos be~es que lhe fez, em ouvir os sermo~oes ou estudar a[s] longuas devoço~oes secretament(e) em ssua ca^mara antre ssi e D(eu)s, que vall mais ca os gemid(os) e sospir(os) e la'g(r)imas que ho homem acha estudando nom se p(er)dem p(er) va~a glló'ria, porque homem nom he visto, e pode-os p(er)der n(os) s(er)mo~oes, porque ho veem e ouvem.<sup>29</sup>

As duas ocorrências exibem dados não prototípicos de esclarecimento, pois o valor semântico promove interseção entre esclarecimento e exposição ou exemplificação. Os dados são ricos para observar da capacidade conectora da construção.

A ocorrência (05) é retomada aqui porque é o único dado de esclarecimento com traços de exemplificação recuperado nos usos de [por isso]<sub>conector</sub>. Com base nesse dado, compreendemos que há também o esclarecimento é feito a partir da citação de um exemplo, dialogando com o outro valor identificado por Halliday (2004). O dado apresenta a construção em uma posição interperíodo, em que o conector é usado para retomar o período anterior.

A construção, porém, pode ser usada para elaborar porções maiores de texto. Em (12), **por isso** introduz uma D2 usada para reformular algo que já foi informado: que os seguidores da religião cristã devem guardar em oração o domingo e as festas. O locutor utiliza o conector para sintetizar tudo que descreveu na unidade anterior e o conector retoma, então, um parágrafo inteiro, formado por quatro períodos. Portanto, no contexto isolado, a construção configura um elemento de coesão híbrida (cf. Lopes; Rabello, 2022), pois é capaz de referenciar unidades discursivas anteriores, ao passo em que introduz uma nova unidade, contribuindo para a progressão textual.

Por fim, cabe ressaltar que os dados de esclarecimento, por sua correspondência ao domínio interacional, apresentam a relação entre atos de fala. A ligação entre atos

---

<sup>29</sup> Corpus Informatizado do Português Medieval, Século XV.

de fala é mais facilmente percebida em ocorrências como (10). Nela, o locutor exerce um ato de fala ao enunciar uma ação que já está realizando. No entanto, as ocorrências que empregam [por isso] para relacionar atos de fala tendem a apresentar atos de fala implícitos. Assim, geralmente não apresentam verbos performativos e referenciam o próprio conteúdo da enunciação – como em (05), (08), (09), (11) e (12).

De modo direto ou indireto, as relações do domínio interacional são usadas com o intuito de justificar a causa para uma ação intencional (Sanders; Sanders; Sweetser, 2012). Em [por isso]<sub>conector</sub>, o domínio exibe as seguintes características: a) factualidade, evitando expressar conteúdo modalizado na D2, b) direcionamento ao(s) interlocutor(es) e c) ordenação não temporal.

## 5 Considerações finais

Com base no exposto, concluímos que as descrições aqui apresentadas colaboram para ampliar as pesquisas sobre o conector complexo [por isso]. Em princípio, observamos como as pesquisas sobre a construção apontam sua capacidade de veicular os valores de conclusão e consequência. Em seguida, argumentamos como a construção pode ser utilizada, ainda, para elaborar outras unidades discursivas, por meio da assimilação da categoria de elaboração proposta em Halliday (2004). Nesse sentido, descrevemos como a noção de explicação está, em certa medida, presente em todos os estágios de mudança. A explicação está presente mesmo antes da mudança da construção para conector, mas é a construcionalização de [por isso] que possibilita seu efetivo surgimento. A função elaborativa propriamente dita surge no contexto crítico, na mudança de [por isso]<sub>adjunto adverbial</sub> para [por isso]<sub>conector</sub>.

Portanto, consideramos o objetivo principal deste trabalho cumprido, visto que procedemos com a descrição da função elaborativa durante a construcionalização do conector. No mais, exploramos também a gradiência presente na relação. Com efeito, defendemos que o valor de esclarecimento pode se apresentar de modo prototípico ou não prototípico. A visão contínua das categorias gramaticais permite, ainda,

compreender que há gradiência entre esclarecimento, exposição e exemplificação. Mais do que isso, ainda é possível instigar, para pesquisas futuras, como os valores da macrocategoria se comportam em outras microconstruções.

## Referências

AMORIM, F. S. **Gramaticalização de conectores causais na história do português**. 2017. 211 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. e amp. São Paulo: Publifolha, 2018.

BARRETO, T. M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, 1999.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BYBEE, J. **Língua, Uso e Cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013. p. 13-40.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Constructions with if, since, and because: Causality, epistemic stance, and clause order. *In*: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (ed.). **Causa, Condition, Concession, Contrast: cognitive and discourse perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 111-142. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110219043-006>

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, Düsseldorf, volume especial, 2006.



FLORET, M. F. **A trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então***. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. Londres: Arnold, 2004.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 12, p. 83-101, 2016.

LOPES, M. G.; RABELLO, M. L. Propriedades coesivas e semântico-pragmáticas do conector complexo *por isso* no português brasileiro contemporâneo. **Signótica**, Goiânia, v. 34, e72812, 2022. DOI <https://doi.org/10.5216/sig.v34.72812>

LOPES, M. G.; RABELLO, M. L. A expressão da causalidade no conector *por isso*: funções de conclusão, consequência e elaboração. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, [2024]. No prelo.

LOPES, M. G.; SILVA, S. Propriedades coesivas e semânticas da construção complexa [com *isso*] à luz da linguística funcional centrada no uso. **Confluência**, n. 62, p. 240-269, 2022a. DOI <https://doi.org/10.18364/rc.2022n62.521>

LOPES, M. G.; SILVA, S. Trajetória diacrônica do conector *com isso* no português. **Revista Linguística**, v. 18, n. 2, p. 114-137, 2022b. DOI <https://doi.org/10.31513/linguistica.2022.v18n2a57080>

MARQUES, N. B. N.; PEZATTI, E. G. **A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. DOI <https://doi.org/10.7476/9788579836992>

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SOUZA, T. B. **Conectivos coordenativos portugueses: por um estudo do sentido no universo textual**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SANDERS, J.; SANDERS, T.; SWEETSER, E. Responsible subjects and discourse causality. How mental spaces and perspective help identifying subjectivity in Dutch backward causal connectives. **Journal of Pragmatics**, [s. l.], v. 44, n. 2, p. 191-213, 2012. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2011.09.013>

SANDERS, T.; SWEETSER, E. Introduction: causality in language and cognition – what causal connectives and causal verbs reveal about the way we think. *In*: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (ed.). **Causal categories in discourse and cognition**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 1-18. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110224429.1>

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics**. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure. Peking: Peking University Press, 1990. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511620904>

RABELLO, M. L. A construcionalização de [por isso]<sub>conector</sub>: uma análise diacrônica centrada no uso. *In*: CASTANHEIRA, D.; DIAS, N. B.; VEREZA, S. C. (org.). **(Re)construção de políticas de pesquisa: Teoria e análise linguística**. São Carlos: Pedro & João Editores, [2024]. No prelo.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Linguística Funcional Centrada no Uso**. Teoria, Método, Aplicação. Niterói: Eduff, 2022.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2002. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486500>